



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MOJUODARA – UMA POSSIBILIDADE DE TRABALHO COM AS QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Gabriela Nobre Bins
Vicente Molina Neto

RESUMO

Este artigo apresenta a discussão sobre as possibilidades do trato com as questões étnico-raciais na Educação Física da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Ele é parte de uma dissertação cujo tema é a educação física e as questões étnico-raciais e tem como objetivo analisar os dados que emergiram através de um estudo de caso etnográfico. Ele relata a experiência de um professor da rede municipal de Porto Alegre que utiliza os valores civilizatórios afro-brasileiros como metodologia de trabalho para estruturar sua prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: relações étnico raciais 1; educação física 2; valores civilizatórios afro-brasileiros 3.

AXÉ

Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “Mojuodara: a Educação Física e as relações étnico-raciais na rede municipal de ensino de Porto Alegre”. Ao longo de mais de quinze anos de experiência docente em escolas públicas, constatei com frequência episódios em que o dispositivo escolar inviabiliza a reflexão sobre as questões étnico-raciais nas quais os alunos e alunas negras estão envolvidos. Na busca de compreender esse fenômeno, a pesquisa teve como foco a Educação Física e as relações étnico-raciais na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RME-POA).

O Brasil é o país de maior concentração de população negra fora do continente africano, 50,7% da população é negra. Em Porto Alegre, esse percentual diminui para 18%; porém, desses 18%, a grande maioria está concentrada nos bairros periféricos da cidade, onde estão localizadas as escolas municipais. Essa população negra é o público das escolas municipais e esse corpo negro carrega uma história, um conteúdo; mas esse conteúdo é raramente incorporado na escola e nas aulas de Educação Física. Assim, estudar as relações étnico-raciais na escola é algo complexo, pois a escola reflete e contribui com a estrutura racista e discriminatória da nossa sociedade.



O problema de estudo que norteou este trabalho foi **“quais os limites e as possibilidades para que o trabalho ou o desenvolvimento das questões étnico-raciais aconteça nas aulas de Educação Física da RME-POA”**; e teve como objetivos identificar e compreender como os professores de Educação Física das escolas municipais de Porto Alegre abordam as questões étnico-raciais em suas aulas e quais dispositivos político-pedagógicos Municipais, Estaduais e Federais interferem nessa abordagem. Para isso, busquei identificar e analisar os elementos que definem os conteúdos e os enfoques que o professorado desenvolve nas aulas de Educação Física; Identificar na experiência vivida dos professores os dispositivos para pensar o trabalho pedagógico com as questões étnico-raciais na escola; E identificar como os dispositivos legais (leis 10639/03 e 11645/08) afetam a prática pedagógica do professorado de Educação Física. No intuito de dar conta desses objetivos, formulei as seguintes questões de pesquisa: O que os professores ensinam nas suas aulas e o que orienta ou define suas escolhas? Que mecanismos, no percurso pessoal e profissional, foram importantes para pensar ou não o ensino relacionado com as questões étnico-raciais? De que forma os professores são afetados pelas políticas públicas para as questões étnico-raciais? Quais as políticas da SMED POA para as questões étnico-raciais?

A pesquisa, de caráter qualitativo, é constituída de um questionário diagnóstico e um estudo de caso etnográfico. Primeiramente fiz uso de um questionário piloto, que se constituiu de um estudo preliminar com oito professores de uma das escolas da rede, para testá-lo e aprimorá-lo. Depois passei a distribuir os questionários para os professores de Educação Física da rede. Elegi o professor para a etnografia por outros meios. Pela indicação da assessoria para as relações étnico-raciais da SMED e pela representatividade tipológica, isto é, o fato do professor pautar sua prática pedagógica nas relações étnico-raciais na escola. Distribui questionários nas 56 escolas municipais: 50 escolas de ensino fundamental, 4 escolas especiais e 2 escolas de ensino médio. Obtive um retorno de 58% dos professores da rede. Os dados dos questionários serviram para apresentar uma visão geral dos professores de Educação Física da rede e triangular com os dados da etnografia.

Por estar falando das relações étnicas e da cultura africana e afro-brasileira, estruturei a investigação e seu relatório nos princípios civilizatórios africanos e afro-brasileiros. Segundo Oliveira (2003), “na Diáspora africana, o que vem para o Brasil não é a estrutura físico-espacial das instituições nativas africanas, mas os valores e princípios negro-africanos” (p. 48). Ao contrario da cosmovisão ocidental, baseada no pensamento por contradição, na



cosmovisão africana a vida é sacralizada e ritualizada continuamente no cotidiano da sociedade; o pensamento se dá não pela contradição, mas por analogia e participação; obedecendo a princípios de inclusão, complementariedade, integração, respeito à diversidade e à diferença (OLIVEIRA, 2003). Entre os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros estão: a ancestralidade, a oralidade, a corporalidade, a espiritualidade, a circularidade e o axé. O axé é a energia vital que mobiliza o sujeito, a mola propulsora da vida, o desejo, a força que nos faz continuar (LIMA, 2012). Sendo assim, denomino a introdução e as conclusões preliminares do trabalho de Axé (o processo que faz com que eu chegue até aqui e o fio condutor que me fez dar continuidade à pesquisa). A energia vital que move e justifica a investigação. Também é a energia vital que move e justifica as conclusões transitórias desta pesquisa, em um movimento circular, que necessita dessa energia.

A ancestralidade representa o referencial teórico que antecede o conhecimento novo. A ancestralidade como valor civilizatório é o que estrutura a cosmovisão africana e o referencial apresentado ao longo da pesquisa estrutura as análises da mesma. Espiritualidade - o fio condutor dessa história - representa as decisões metodológicas que conduziram a pesquisa. A espiritualidade é essência da vida e a metodologia a essência da pesquisa, são elas que guiam e apontam os caminhos a seguir. Os valores da corporalidade e oralidade vão estar representados na análise das possibilidades e limites apresentados pelos colaboradores da pesquisa.

Nesta comunicação, vou focar na apresentação dos dados da etnografia, na corporalidade da pesquisa. Assim, o estudo de caso etnográfico concentra-se em um professor de educação física de uma escola da rede municipal de Porto Alegre que utiliza os valores civilizatórios como metodologia de trabalho. Foram seis meses de trabalho de campo; observei aulas das turmas de 2º ciclo, B10, B20 e BP¹, além de saídas pedagógicas das turmas de BP e um seminário em São Paulo, no qual o professor Baobá (codinome escolhido para o professor) participou como palestrante, durante todo o segundo semestre de 2013, totalizando 32 observações. A prática do professor Baobá é um exemplo de uma experiência positiva no

¹ As escolas do município de Porto Alegre são organizadas em ciclos de formação e as turmas de B10 correspondem ao primeiro ano do segundo ciclo, as de B20 ao segundo ano do segundo ciclo; a BP é uma turma de progressão do segundo ciclo, onde teoricamente estariam alunos com defasagem de idade e ou aprendizagem.



trato com as questões étnico-raciais e uma nova possibilidade de se pensar essas questões na Educação Física. A seguir, descrevo os princípios nos quais o professor estrutura suas aulas.

UBUNTU – EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

Ubuntu é um conceito filosófico que permeia o continente africano, a palavra significa eu sou por que nós somos. “Esse conceito tenta explicar a realidade social em que o self não existe a não ser por produto” (Turrion, 2013). Ele foca nas alianças e relacionamentos das pessoas uma com as outras, em uma relação de respeito, apoio, partilha, comunidade, cuidado, confiança e altruísmo. Segundo Desmond Tutu (1984): uma pessoa com ubuntu está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons ou maus, e tem consciência de que faz parte de algo maior e que é tão diminuída quanto os seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos.

Nas aulas do professor Baobá, pude perceber claramente a intenção pedagógica de ensinar essa filosofia aos alunos. Isso desde a forma como os alunos saiam de sala de aula; que não eram divididos em filas separadas por gêneros como normalmente acontece nas escolas, mas sim em grupos, todos misturados. Quando por algum motivo precisavam fazer fila, essas filas não eram divididas por gêneros. A seguir, uma aula onde esse conceito do ubuntu está representado.

Em 09 de setembro de 2013, o professor chegou na sala, cumprimentou os alunos e explicou como seria a aula naquele dia. Pediu que eles calmamente descessem para a quadra e assim todos o fizeram. Chegando à quadra, o professor fez a roda de mãos dadas, aos poucos ele e os alunos foram abrindo e fechando essa roda para que ela finalmente se organizasse. Nesse processo, o professor ressaltou: ninguém pode ficar de fora da roda, imaginem que essa é a roda da vida. Além disso, ressaltou a importância de cada um cuidar do outro. Ao abrir o círculo cada um tem que cuidar para abrir, mas não puxar demais o colega e não deixar ninguém cair ou ficar de fora da roda. Os alunos foram se ajeitando alegremente, volta e meia um puxava o outro para que ninguém ficasse mais atrás ou mais à frente do que os outros. Logo que estavam organizados, o professor pediu para que dessem as mãos invertidas, cruzando os braços na frente do corpo, o que fez com que eles ficassem mais próximos. No primeiro momento, estranharam a nova posição, alguns se desequilibraram, mas logo os colegas ajudaram para que eles reestabelecessem o equilíbrio. Depois, de volta à roda normal de mãos dadas, foram rodando para um lado. Todos os alunos participavam com entusiasmo e



na hora que rodaram um aluno caiu, mas os outros prontamente o ajudaram e ninguém debochou ou deu risada.

Outra atividade foi um jogo de pega-pega paralítico e algumas variações do mesmo. Os alunos iniciaram fazendo o pega-pega paralítico normal² porém com dois pegadores. Depois o professor colocou a variação de que quem fosse pego estenderia o braço e para ser salvo tinha que receber um aperto de mão. A próxima modificação foi ficarem de braços abertos para serem salvos por um abraço. Todo mundo continuava participando, fugiam correndo de um lado para o outro, mas também sempre atentos para achar um colega para salvar. Todos eram pegos e salvos sem maiores contra-tempos. O professor fez então mais uma modificação, dessa vez o aluno pego se agachava e para ser salvo precisava que alguém ficasse agachado no seu lugar. Ou seja, alguém tinha que se sacrificar para libertar o outro. Nesse momento, já pude observar vários alunos que ficaram mais tempo agachados e uns que escolhiam bem com quem eles iriam trocar de lugar. Em um canto da quadra tinham quatro alunos agachados, pois haviam sido pegos, uma menina correu nessa direção e eles pediram para que ela trocasse com eles. A menina parou, olhou bem para ver quem eram os colegas, pensou um pouco, mas não trocou com ninguém, voltou a correr até achar uma colega agachada mais no centro da quadra com quem ela finalmente trocou.

Finalmente, o professor fez a última variação. Segundo os alunos, o momento mais difícil da aula. Para ser salva a pessoa tinha que receber um beijo na bochecha. Quando o professor falou como seria a brincadeira foi um reboiço na turma, uns gritaram, outros riram, vários disseram que nem pensar. Um aluno perguntou ao professor se não tinha nada mais nojento para eles fazerem. Nessa hora, muitos foram pegos e muito poucos salvos. Nenhum aluno parou de brincar, ou seja, todos correram e fugiram, mas quase ninguém salvou alguém.

Ao final da aula o professor fez novamente a roda. Explicou que hoje eles tinham tido o primeiro contato com a capoeira, que tinham feito atividades que valorizassem o respeito e a cooperação e depois pediu aos alunos para que avaliassem a aula, explicitando seus sentimentos e percepções, o que foi mais difícil. Para a maioria dos alunos, o mais difícil havia sido o beijo e o que mais os envolveu foi todo o resto da aula.

Conversando com o professor Baobá, ele me explicou que trabalha com essas variações para poder estimular o desenvolvimento de valores como a cooperação, a

² Pega Paralítico: um aluno pega, ao encostar em outro aluno esse fica paralítico ou seja, não pode se mover até que algum outro aluno venha encostar nele para salvá-lo.



solidariedade e o afeto. Segundo ele, para trabalhar os valores civilizatórios não funciona só conversar, tem que vivenciá-los na prática, no corpo. Silva (2011) chama a atenção para a necessidade de prestarmos atenção à forma de os nossos alunos aprenderem, formas essas que passam também pelo corpo. Para a autora, vários exemplos como o de povos indígenas, quilombolas e habitantes de outros territórios negros apontam que não é somente com a inteligência que se tem acesso ao conhecimento. Analisando as experiências desses povos, percebemos que é de corpo inteiro que ensinamos, aprendemos e descobrimos o mundo, é através do físico, da inteligência, dos sentimentos, das emoções e da espiritualidade. Mas para o professor Baobá, também tem que se falar o que se está fazendo, se não muitas vezes eles nem percebem que estão fazendo isso.

Nas aulas observadas, ficou evidente a importância de valorizar a participação. Como por exemplo, em um jogo, o fato de o professor e os alunos não enfatizarem a questão do ganhar ou perder, mas valorizarem que o colega não queira sair do jogo, valorizarem a diversão em si; é importante trabalhar e fazer os alunos entenderem o ubuntu. Entenderem essa filosofia de “eu sou por que nós somos”.

A RODA

Um dos pressupostos que o professor Baobá tem para desenvolver seu trabalho pedagógico é a roda, a circularidade. Todas as suas aulas iniciam sempre em roda, quando a aula é na rua a roda é feita no pátio, quando a aula é na sala, na maioria das vezes os alunos fazem um círculo com as cadeiras. A formação em roda, a circularidade é um valor civilizatório muito importante para o professor. Segundo ele:

[...] o círculo, além de ser da nossa ancestralidade, ser dos povos mais tradicionais como os povos indígenas, os povos africanos, ele tem um valor muito grande que é o valor que todo mundo se enxerga, todo mundo se olha e todo mundo ocupa um lugar igual no círculo, diferente da sala de aula onde nós estamos naquele panótipo em que o professor vê todo mundo e todo mundo não se vê (professor Baobá, 04/01/2014).

O círculo então precisa ser sentido e vivido e foi o que eu observei acontecer em várias aulas. Os alunos já sabiam que as aulas iniciariam em círculo e se organizavam assim automaticamente, também entendiam o porquê desse procedimento. Mais de uma vez nas aulas o professor perguntou se eles sabiam por quê estavam em roda e prontamente eles responderam. A seguir, um exemplo da utilização da roda como estratégia pedagógica.



02/09/2013 – Aula 2 – Chegamos na sala da BP e o professor explicou aos alunos que hoje eles não desceriam para o pátio, ficariam na sala e dariam continuidade à roda de discussão sobre o curta³ que estavam fazendo. Os alunos levantaram e colocaram as cadeiras em círculo enquanto o professor pegava a filmadora para filmar a roda de conversas. Começaram a conversa falando sobre o nome que um dos alunos tinha sugerido para o filme: “a pele negra”. O professor pediu que ele explicasse o porquê do título e perguntou se os alunos concordavam e o que entendiam dele.

Algumas alunas falaram que é porque umas pessoas brancas querem ser negras e outras negras querem ser brancas. A grande maioria da turma participou da discussão, todos tinham uma opinião e apesar de alguns não quererem aparecer nas filmagens, davam sua opinião assim mesmo. Volta e meia o professor tinha que intervir para não perder o foco da discussão. Eles discutiam quem iriam entrevistar e uma aluna apresentou uma lista de perguntas. O professor pediu que os alunos discutissem as perguntas e tentassem respondê-las. Pediu também que eles pensassem como se sentem em relação ao seu corpo, à sua origem. Algumas das perguntas foram: O que é racismo? O que é discriminação? O que é preconceito? É difícil ser negra, verdade? Como você se sente com a sua pele? O que é cabelo duro? Por que o negro tem menos chances que os brancos?

Além disso, surgiu na discussão falas como: nas novelas o negro é sempre empregado, não tem negro rico. Quando discutiram sobre chances e oportunidades de negros e brancos um aluno negro disse: eu tenho muitas chances! Chances de descer para a direção... vou lá umas duas vezes por dia. Ele e todos os alunos acharam graça dessa fala..

No exemplo apresentado, o professor propiciou que os alunos vivenciassem e sentissem a roda, que nela se situassem e entendessem o porquê da sua existência. Esse valor civilizatório é muito importante na cultura africana e afro-brasileira, pois aponta para o movimento, a circularidade, o respeito, a renovação, o processo, a coletividade. O princípio da circularidade está intimamente relacionado a uma visão comunitária da vida, a filosofia do ubuntu, onde o homem está integrado ao universo. “Enquanto o comunitarismo valoriza a vivência coletiva, visando ao bem estar de todos e de cada um, a circularidade propõe a horizontalidade nas relações humanas, a ciranda dos saberes” (Rocha, 2011 p.34).

ORALIDADE E ANCESTRALIDADE

³ Filme curta metragem sobre racismo que a turma estava produzindo.



Ao explicar como estruturava suas aulas, o professor Baobá frisou que procura trabalhar com os alunos e alunas a corporeidade e usa os princípios civilizatórios como princípios metodológicos para as suas aulas. Inicia sempre em roda, promove a valorização da oralidade e o respeito à ancestralidade.

A palavra é um valor civilizatório muito importante na cosmovisão africana. Para Oliveira (2006), “o homem, ao ser criado, recebe a força vital e o poder da palavra, que são equivalentes, visto que a palavra é concebida como uma energia capaz de gerar coisas”. Os princípios da oralidade e da ancestralidade são muito importantes nas sociedades tradicionais africanas, pois as mesmas firmam-se na tradição e no respeito ao que é transmitido pelos mais velhos. Os mais velhos assumem a tarefa de transferir aos mais jovens o conhecimento, os ritos e a sabedoria contida na tradição.

A palavra dos “velhos” assume prerrogativa de conhecimento; “é palavra viva”, pois ensina os saberes antepassados, estabelecendo elos entre o passado e o presente e projetando esperanças para o futuro. A oralidade assume a função de suporte para a transmissão, preservação e transformação desses saberes” (Rocha, 2011 p. 43-44).

Segundo o professor Baobá nas aulas, uma questão muito trabalhada por ele foi a valorização da palavra e da escuta; mas conforme ele, não a da palavra e da escuta por ser do professor, mas por ser algo muito importante que a gente deve respeitar.

Explico pra eles a diferença entre escutar e ouvir, explico pra eles que ouvir qualquer um ouve, mas passa despercebido, a pessoa não se implica com o que esta acontecendo e escutar é realmente se interessar por aquilo, mesmo que a pessoa não concorde depois e é claro que eu procuro discutir essas questões de acordo com cada turma, de acordo com cada momento... tem turmas que isso fica super tranquilo de fazer, a gente fazia as rodas de conversa super dinâmicas... a gente conseguia... as vezes trabalhava com a questão de algum objeto para quem está com a palavra... então quem esta com o chocalho indígena fica com a palavra e os outros tem que esperar ele terminar de falar pra devolver. (Professor Baobá, entrevista em, 04/01/2014).

Essa estratégia de usar um elemento que marcasse quem estava com o poder da palavra eu presenciei em várias aulas. Um dia, em uma turma de B10, no meio da aula o professor reuniu a turma mais uma vez na roda e conversou com os alunos. Avaliou a aula até aquele momento perguntando o que tinha sido mais difícil de realizar e o que eles mais haviam gostado. Chamou-me a atenção que o professor teve o cuidado de preservar a fala de cada um e para organizá-la passava a bola para o aluno que ia falar, indicando que ele estava



com a palavra e os outros deveriam ouvir. Outra estratégia de valorização da oralidade usada pelo professor foi pedir aos alunos que perguntassem em casa sobre sua origem e sobre jogos e brincadeiras que seus pais e avós brincavam e então guardassem na memória para contar em sala na próxima aula.

A ancestralidade era vivenciada nas aulas através do respeito ao mais velho. Porém não um respeito só por que se tem que respeitar o mais velho, mas um respeito à sabedoria e à ancestralidade.

A ancestralidade também é um elemento constante na cultura africana e colaborando com a comunidade, orientando suas ações. A preservação da memória dos antepassados não leva somente a olhar o passado, mas também a estabelecer diálogos com ele, absorvendo a sabedoria dos ancestrais, que abriram caminhos para os novos tempos. (Rocha, 2011 p.34).

Essa noção de ancestralidade o professor colocava em prática nas caminhadas que fazia com os alunos pelo bairro. Durante os seis meses em que fiquei na escola fazendo as observações, tive oportunidade de acompanhar as turmas mais de uma vez nessas caminhadas.

30/09/2013 – Quando eu cheguei na escola, o professor não estava na sala dos professores, então me sentei lá e fiquei esperando. Dali a pouco o professor surge na sala e brinca comigo: Onde é que você estava, Gabriela? Eu já estou dando aula... o horário dele mudou e agora ele tem os dois primeiros períodos em uma B20.

Fui para o pátio e eles estavam fazendo uma pesquisa, entrevistando as pessoas com as seguintes perguntas: Existe racismo? Existe preconceito? Você já sofreu preconceito? Qual a sua origem? O professor me explicou que eles construíram essas perguntas em uma roda de conversas em sala de aula. Depois de algum tempo entrevistando as pessoas na escola, o professor reuniu o grupo e organizou-os para sair da escola, combinou com os alunos o caminho que eles fariam e deu algumas instruções de como procederiam às entrevistas. Perguntei a ele como fazia com as autorizações e ele me explicou que no início do ano os pais assinaram uma autorização para saídas pelo bairro para o ano todo.

Combinou com os alunos que eles poderiam andar livres até chegarem a cada esquina, e que, para atravessarem a rua, deveriam esperar e atravessar todos junto com o professor. Assim, saímos da escola, os alunos radiantes, loucos para encontrar pessoas e fazer sua pesquisa. Uns saíram correndo na frente para serem os primeiros a interpelarem os



transeuntes. Foram entrevistados até os alunos da auto-escola (CFC)⁴ que faziam aula de baliza na rua. Entraram no posto de saúde, onde até um menino foi atendido, pois na correria caiu e machucou a mão. Passaram pelo projeto Renascer da Esperança⁵ e a sua fundadora, uma líder comunitária de renome no bairro, veio correndo falar com o professor. Ela contou que na Esplanada tinha uma placa em homenagem a Zumbi dos Palmares, que a história da Restinga⁶ era também a história do povo negro e falou que achou muito legal a atividade do professor, que era muito importante os alunos falarem e escutarem sobre o racismo. Ela cumprimentou o professor e se colocou à disposição dos alunos para responder mais perguntas. A turma ainda andou pelo bairro mais um pouco e depois retornou à escola. Na escola, em uma roda, o professor combinou que na próxima aula iriam discutir as entrevistas (trecho do diário de campo, 30/09/2013).

Em outras caminhadas, os alunos foram encontrando outras pessoas importantes na comunidade que preservam a história do bairro, como o caso da dona Maria Clara e do Beleza, duas pessoas mais velhas que viram o bairro nascer e trazem na sua memória a história da Restinga. O professor me contou também o caso de uma das caminhadas em que eu não estava presente, quando encontraram um rapaz recolhendo o lixo e deu um problemão. Um dos alunos debochou dele e ele veio tirar satisfação. Esse foi, segundo o professor, um momento de aprendizado muito legal, porque nesse momento eles conversaram com o rapaz, ele tinha transtorno mental e os alunos demoraram a compreender, mas quando compreenderam se acalmaram. Então, ele conseguiu botar toda a raiva que tem das pessoas que debocham dele na rua para os alunos e isso fez parte de várias conversas nas aulas.

Outra forma de trabalhar as questões da ancestralidade e da origem dos alunos e do povo brasileiro eu observei na aula que descrevo a seguir:

Em 30 de setembro de 2013 fomos para a B10 e o professor iniciou o trabalho com um bingo. Distribui uma metade de folha de ofício e pediu que eles a dobrassem várias vezes. No final, ao abrirem a folha tinham 12 quadrados. O professor distribuiu também uma folha menor para que eles fizessem 12 bolinhas e enquanto os alunos faziam as bolinhas ele foi colocando as palavras no quadro.

⁴ CFC – Centro de Formação de Condutores

⁵ A ONG Renascer da Esperança foi fundada em 1996 pela funcionária pública do DMLU, Rozeli da Silva, com o objetivo de acolher crianças e adolescentes que ficavam pelas ruas da comunidade da Restinga e desenvolve atividades em horários extraescolares para crianças e jovens de 3 a 17 anos.

⁶ Restinga é um bairro na periferia da cidade de Porto Alegre.



Abacaxi, candomblé, bantos, Ibiúna, angola, acarajé, caxixi, yaki, peteca, batuque, caçula, guri, banzé, axé, pajé, exu, baobá, zã, bagunça, taba, timbó, beiju, zipu e dengoso.

Os alunos foram lendo as palavras e uns diziam que não sabiam o que era. Uma aluna gritou para o outro: ‘batuque tu sabe o que é!’ Ele respondeu: ‘Eu não, eu não sou batuqueiro.’ Os alunos tinham que escolher 11 palavras para preencher nos quadros e o 12º eles deveriam preencher com um x. O professor explicou que não tinha problema eles não saberem o significado das palavras porque eles iriam aprender durante o jogo. Um aluno perguntou por que o professor tinha escolhido aquelas palavras e ele explicou que essas palavras eram de origem africana e indígena e fazem parte da ancestralidade do povo brasileiro. O professor falou também que ao invés de gritarem bingo os alunos gritariam iê! Iê é uma expressão da capoeira que significa pare. Ele explicou que na capoeira quem diz iê é o mestre, mas nessa brincadeira todos podem dizer iê. Em seguida o professor explicou que tirou as palavras dos livros do projeto “A cor da cultura” e que antes de falar as palavras ele lia o seus significados.

O jogo foi rolando e os alunos iam participando atentos, comentando as palavras e juntando os significados às palavras. Os alunos se divertiram muito, uma menina com feições indígenas a cada palavra de origem indígena se alegrava ao dizer que sabia o que ela queria dizer. O professor teve que pedir para que os alunos se acalmassem um pouco; disse que entendia o entusiasmo e euforia dos alunos, mas que precisava de um pouco de silêncio para explicar as palavras. Quando o professor falou que era um estilo de capoeira uma aluna gritou: ‘angola’ e levantou pulando e gritando iê, iê! Depois ao que o professor ia explicando outras palavras e os alunos pulavam e gritavam iê.

Trabalhar a oralidade e a ancestralidade é um movimento de valorização de outras raízes brasileiras que não só a europeia. Uma possibilidade pedagógica de construção de conhecimento através dos valores civilizatórios africanos, como reivindica Munanga (2005).

MAIS QUE UM CONTEÚDO – UMA METODOLOGIA – UMA VISÃO DE MUNDO

A primeira indicação que eu tive sobre o trabalho do professor Baobá, lá no início da pesquisa, quando pedi a indicação de ao assessor da SMED de um professor com experiência de ensino positiva sobre questões étnico-raciais, foi que ele usava os valores civilizatórios africanos como metodologia de trabalho. Depois, logo nos primeiros contatos que tive com ele, o professor foi me explicando que não trabalhava as questões étnicas como um conteúdo,



mas sim como metodologia. Ele utiliza os valores civilizatórios como método de trabalho, como forma de pensar e estruturar suas aulas.

A possibilidade de transformação, de mudança de paradigma e da ruptura com uma visão eurocêntrica de mundo por menor que seja foi o que ficou mais evidente na prática e nas falas do professor Baobá durante o meu trabalho de campo. Para ele, toda essa possibilidade era fruto de um processo de construção em sala de aula. Era evidente o esforço que ele fazia em suas aulas, nas suas posturas, para desconstruir com os alunos a ideia de superioridade ou inferioridade de um povo em detrimento a outros, de que o branco europeu é mais valioso. Esse processo de tentativa de desconstrução desse eurocentrismo hegemônico coloca o povo negro em outro lugar.

Tu não pode chegar trabalhando essas questões étnicas nessa perspectiva, tu tem que trabalhar primeiro os valores civilizatórios, primeiro uma desconstrução de que algo é melhor ou é só por isso ou por aquilo, para depois entrar nessas questões; se não... isso sim é o que eu tenho visto e aprendido com o processo educacional, como pensar uma aula que tu vai trabalhar as questões étnicas, como pensar uma aula onde tu vai trabalhar a aprendizagem dessas questões tu tem que poder colocar o povo negro em um outro lugar antes e isso é uma construção, não é simples (professor Baobá, entrevista em, 04/01/2014).

Pensar então os valores civilizatórios como metodologia que incorpore nas aulas a filosofia do ubuntu, a circularidade, oralidade, ancestralidade, musicalidade e a corporeidade vai ao encontro ao que está estabelecido nas diretrizes curriculares nacionais para o ensino de história da África e cultura afro-brasileira e africana (CNE/CP nº3/2004), que salienta “que o processo de se educar as relações entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigirem umas às outras, a fim que desde logo se rompa com sentimentos de inferioridade e superioridade” (SILVA, 2011 p. 12). É uma postura pedagógica que busca outras formas de ver e valorizar o aluno. Uma postura que, conforme Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), “reclama novos afetos, uma nova forma de se relacionar com o estrangeiro, ou seja, com a diversidade, com o outro que não é mais um ‘mesmo’ de mim”.

Porém, trabalhar os valores civilizatórios como metodologia que estruture as aulas não impossibilita que se trabalhe também as questões étnicas enquanto conteúdo. Os valores civilizatórios são uma dimensão maior; trabalhando os mesmos como metodologia estamos ampliando e mudando de perspectiva a discussão sobre as questões étnicas, mas podemos



também trabalhar conteúdos como a dança, a capoeira, peteca ou outros conteúdos da cultura corporal africana e indígena a fim de dar também visibilidade a essas culturas. Conforme o professor Baobá: “Pode fazer? Pode... eu adoro fazer, trabalhar máscaras, trabalhar danças... pode e é legal pra caramba por que ai tu dá corpo para aquilo, mas não adianta só tu dar corpo se não tiver espírito” (trecho da entrevista do professor Baobá). E é através dessa união de corpo (conteúdo) e espírito (valores civilizatórios como metodologia) é que vai se construindo no dia a dia em sala de aula as mudanças e transformações. Um exemplo disso aconteceu na turma BP. No início do ano, quando o professor começou o trabalho com a turma, quase nenhum aluno se autodeclarava negro, ao preencherem formulários no quesito raça/cor eles colocavam: moreno, sarara; mesmo que fenotipicamente muitos pudessem ser vistos como negros; e ao final do ano, depois de todo o trabalho e discussão feita em aula, muitos já se autodeclararam negros.

Chegava na hora de dizer quem era negro quem era branco, de preencher um papel que perguntava raça/cor, na primeira vez quase ninguém se diz negro; tem pardo, tem moreno, tem branco, tem morena, menos negro; já na segunda vez, a grande maioria se diz negro, isso bastante tempo depois... e além de se dizer negro ainda reforça a questão quando alguém não se diz negro. Fala: ah mas se eu sou negro e sou mais claro que tu? Ai entra a questão que negro não esta só na cor da pele, mas na questão de valorizar a sua ancestralidade, o seu pai, a sua mãe... (trecho da entrevista do professor Baobá).

Segundo Sacristán (1995, p. 84), “a escola tem se configurado em uma ideologia e em seus usos organizativos e pedagógicos, como um instrumento de homogeneização e de assimilação à cultura dominante”. Nesse sentido, acredito que a postura pedagógica do professor Baobá de usar os valores civilizatórios como metodologia de trabalho serve como uma ruptura e uma tentativa de construção de outra visão de mundo. Uma visão de mundo que aponte para a possibilidade da diversidade sem hegemonias, de um mundo mais solidário, sustentável e pacífico. E também se estabelece como uma possibilidade de enegrecer a educação, como se refere Silva (2010). Para essa autora,

[...] é importante desde cedo esclarecer que não se trata de abolir as origens europeias da escola da qual todos somos tributários. Com o enegrecimento da educação se propõe uma escola em que cada um se sinta acolhido e integrante, onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes, não como lista, sequência de dados e informações, mas como motivos e meios que conduzam ao conhecimento,



compreensão, respeito recíprocos, a uma sociedade justa e solidária (Silva, 2010, p.41).

A ideia de enegrecer a educação se aproxima da visão afrocêntrica de africanizar ou reafricanizar a ciência e a educação. Asante (1990) reflete sobre a importância de se adotar pensamentos e procedimentos oriundos dos princípios e valores africanos para orientar a produção científica e de se reconhecer os conhecimentos retirados da sabedoria africana que foram assimilados pela ciência ocidental. A prática do professor Baobá é embasada na teoria afrocêntrica e tenta trazer para o cotidiano da escola esses princípios e valores africanos, numa tentativa de que os próprios alunos possam contar suas histórias.

Muito mais do que simplesmente ser incluída como conteúdo no currículo, as questões étnico-raciais podem e devem, como nos mostra o exemplo do professor Baobá, servir de metodologia para a prática pedagógica; possibilitando a vivência de novos valores, construindo novas e diversas visões de mundo. De um mundo mais justo, solidário, afetivo e de paz.

Mojuodara - a possibility of dealing with racial ethnic issues in physical education

ABSTRACT

This article discusses the possibilities of dealing with racial ethnic issues in physical education in the municipal Porto Alegre primary schools. It is part of a masters degree thesis whose aim was to look into physical education and racial ethnic issues and analyze the data that emerged through an ethnographic case study. It reports the experience of a Porto Alegre municipal teacher who uses African Brazilian civilizing values as a pedagogical method to structure his teaching practice .

KEYWORDS: *physical education; racial ethnic education; racial ethnic values.*

Mojuodara – Una posibilidad de trabajo con cuestiones étnico raciales en educación física

RESUMEN

En este artículo se presenta una discusión sobre las posibilidades de hacer frente a las cuestiones étnicas raciales en la educación física en la enseñanza municipal de Porto Alegre. Él es parte de una tesis cuyo tema es la educación física y las cuestiones raciales, étnicos y tiene como objetivo analizar los datos que surgió a través de un estudio de caso etnográfico. Él relata la experiencia de un maestro en el municipal de Porto Alegre utilizando los valores civilizadores brasileños africanos como un método de trabajo para estructurar su práctica.



PALABRAS CLAVES: Relaciones étnico raciales 1; Educación física 2; Valores civilizatorios afro brasileños 3.

ANCESTRALIDADES - REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de; RODRIGUES, Tatiane Cosentino
A criança negra, uma criança negra. In: *Educação e Raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Orgs.) Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

ASANTE, Molefi K.. *Afrocentricity and Knowledge*. Trenton-New Jersey: African World Press, 1990.

DESMOND TUTU. *Ubuntu*. Disponível em: <<http://www.espacoubuntu.com.br/a-filosofia-ubuntu.html>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

LIMA, Adiles da Silva. Valores civilizatórios afrobrasileiros, mitos e verdades: um levantamento em construção. In: BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho SABALLA, Vivivane Adriana. *Procedimentos didático-pedagógicos aplicáveis em história e cultura afro brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) *Superando o racismo na escola*. 2ª ed. Ver. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, David E. de. *Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, David E. de. *Cosmovisão africana no Brasil – elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Editra Gráfica Popular, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio (orgs.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Tradução Tomaz Tadeu Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinicius, SILVA, Carolina MÓstaro Neves da, FERNANDES, Alexandra Borges Org.. *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

_____. Estudos Afro-Brasileiros: Africanidades e Cidadania. In: Abramowicz, A. e Gomes, N. L. (orgs.) *Educação e Raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro brasileiras*. Paídeia revista do curso de Pedagogia da faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde da Universidade FUMEC, Belo Horizonte, Ano 8, n.11, p 31-52, jul./dez. 2011.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

TURRION, Maria José. Nelson Mandela – Poder Ubuntu, 2013. Disponível em:
<<http://blogs.elpais.com/historias/2013/12/nelson-mandela-poder-ubuntu.html>>. Acesso em:
23 jun. 2014.